

Conversações em sala de aula. Processos midiáticos além da tecnologia na sala de aula: dispositivos conversacionais promovendo inter-relação dos campos

Lylian Rodrigues

Pesquisadora e professora

ly_carol@yahoo.com.br

UNISINOS, RS

Resumo

Nos estudos de interface, busco demonstrar os processos midiáticos no espaço pedagógico além da tecnologia. As conversações que promovem interação entre alunos, alunos e professores podem ser os dispositivos operacionais dos processos de comunicação no espaço da educação, possibilitando focar neles os estudos comunicacionais protagonizando reflexões do campo dos mídias. O objeto comunicacional é observável nesta inter-relação, sendo descrito e sobre ele faço uma reflexão a medida em que possibilita os mídias como protagonistas desta relação, promovendo interações em um campo não midiático.

Palavras-chave: Processos Midiáticos, interface, dispositivos conversacionais.

Introdução

A partir da experiência ainda que curta em sala de aula como professora, surgiram as questões sobre os processos midiáticos na escola como norte em meu caminho de pesquisa. Era visível aos olhos a mídia no espaço da escola, fosse por meio das conversas entre os alunos, ou dos alunos com professores e ainda entre os professores¹. As novas mídias integradas às salas de aula ou mesmo as antigas mídias que ocupam o espaço doméstico trazem dificuldades para os professores em como lidar com elas.

Com aqueles que tive contato durante a pesquisa, demonstraram receios e desconhecimento sobre os processos midiáticos se materializando na sala de aula. "A televisão provoca o ócio", professora de inglês da Escola Gomes Carneiro. "É melhor a relação professor aluno a relação aluno televisão na escola", professora de Português, da mesma escola. O que prevalece é ainda a idéia de uma mídia que aliena e massifica, homologando perspectivas da Teoria Crítica. Entretanto, os alunos são inundados em informações diárias pelos jornais ou mesmo pela programação de entretenimento. São novidades, novas informações,

¹ A midiaticização aqui corresponde ao conceito em Braga segundo o qual implica em processos de conversação, no caso da investigação que proponho, a conversação em sala de aula.

descobertas da ciência, da história, da geografia, do mercado, da infância, da violência, da música, das imagens, dos sons, enfim, uma infinita e incalculável fonte de novas informações.

Tais circunstâncias em sala de aula inspiraram o trabalho com a proposição de um olhar sobre os processos midiáticos que podem ser percebidos, acionados ou operacionalizados em dispositivos conversacionais, gerando interações implicadas do espaço midiático.

Estaremos observando a mídia como protagonista desta relação, sendo a entrada dos dispositivos no espaço da escola o início de uma circulação que pretende entender a sociedade midiaticizada. Para o campo das ciências da comunicação, a pesquisa que realizo poderá dar visibilidade aos dispositivos como operadores dos processos comunicacionais. A busca deste objeto da comunicação se deu na reflexão da maneira como a mídia participa da nossa vida social, apreendendo um fenômeno humano e bem como os processos organizam estruturas em um espaço não midiático. Os processos midiáticos, dentro do espaço da escola, configuram o meu ponto de partida. É o conjunto das práticas de comunicação sendo operadas por meio dos dispositivos que atravessam um campo outro, o da educação.

No entendimento de Pedro Gomes, os processos midiáticos são entendidos como "conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias, que operam, segundo diferentes linguagens e por meio de diferentes dispositivos", (Gomes, 2004 p. 17). Sendo assim, entendemos estes processos como a produção das revistas ilustradas em sala de aula, a produção de jornal escolar ou de um programa de rádio, uma ação no espaço social deliberada por um programa de tevê ou por uma campanha do rádio; sendo estas atividades desenvolvidas por meio da conversação, especialmente para meu estudo.

O benefício de um estudo de interface pode ser descrito nas palavras de Braga ao definir a interface como um espaço privilegiado para construção do campo na medida em que se desentranhe o objeto de comunicação das problemáticas com os outros campos (2004, p. 12, RESUMO). A existência deste campo autônomo e transversal, com particularidades a serem observadas e que desencadeia entendimentos científicos e empíricos, sustenta o estudo de um espaço de reflexão do campo da comunicação como ciência.

Conseqüentemente, a importância social deste projeto será a possibilidade de atribuir uma nova visão a respeito dos fluxos dos campos da mídia e da pedagogia, oferecendo mais uma oportunidade de uso dos processos midiáticos como geradores de novas interações, que podem promover aprendizagem ou produção de sentido.

A escolha pelo contexto social da escola pública se deu com o conhecimento da "Pesquisa Nacional Qualidade da Educação: a escola pública na opinião dos pais"², realizada pelo Ministério da Educação, por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), âmbito nacional. De acordo com a pesquisa, os pais de filhos que estudam em escola pública percebem a qualidade do ensino no âmbito geral do ensino público fundamental com uma relativa satisfação, mas a avaliação das escolas em que os filhos estudam tende para o campo negativo. São poucos os aspectos de satisfação, e numerosos os pontos que geram descontentamento.

² Disponibilizada http://www.inep.gov.br/download/imprensa/2005/sensoescolar/relatorio_qualidade.doc. Acesso em Fevereiro de 2006.

Como uma das conclusões da pesquisa, os segmentos mais pobres da população pesquisada, normalmente moradora em áreas de grande carência, são os que contam com o pior atendimento escolar. É percebendo este contexto social da educação que busquei entrar na pesquisa de comunicação com um olhar lançado na interface com a educação dentro das escolas da rede pública, para contribuir então com o aprimoramento do ensino público.

Com a inserção dos processos midiáticos no cotidiano do indivíduo – caso específico da escola - são inúmeras as possibilidades que surgem de interação entre campos sociais, enquanto não só uma prática de construção de possibilidades de aproximação de dois campos, mas com “possibilidades do campo intervir em dinâmicas societárias outras, necessariamente não midiáticas” (Neto, p. 33, 2002). O retorno da pesquisa para reflexão dos comunicadores e professores das escolas pesquisadas, do ensino público, pretende somar-se para uma compreensão da midiaticização na esfera de cultura na escola apesar das suas vontades, aprimorando o ensino da rede pública e dando qualidade às camadas mais pobres. Não reafirmando as estratégias pedagógicas, mas as processualidades sociais midiáticas que sobredeterminam às práticas pedagógicas. A mídia proporciona novas sociabilidades, novos vínculos e interação.

Procedimentos metodológicos

Entendo o cotidiano da sala de aula como ponto de encontro dos dispositivos conversacionais para observar a presença dos medias na vida do aluno e no espaço escolar. A decisão teve apoio em leituras de Barbero, me fazendo refletir sobre a cotidianidade, antes considerada “despolitizada e assim desinteressante” (Barbero, 1997, p. 301), como um espaço de liberdade e iniciativa. Nas salas de aula, o dia após dia parece tornar-se rotineiro e sem novidades, mas é neste espaço, das conversas nos intervalos, da descontração em sala e mesmo no horário de aula, que percebemos o ambiente tomado naturalmente pelos dispositivos dos medias. Os alunos passam tanto tempo na escola quanto em sua própria casa, assim, o cotidiano escolar também pode estar permeado da liberdade do espaço doméstico assim como da riqueza de observação de usos dos produtos midiáticos pelos alunos, sendo também um espaço estratégico.

As escolas adotadas foram selecionadas a partir dos seguintes critérios:

- Integrada a Rede Pública de Ensino
- Escolas com Ensino Fundamental completo
- Escolas de bairros periféricos da cidade

Neste trabalho de pesquisa para o mestrado vou estar considerando como dados de observação exploratória, para apresentação na qualificação, os dados de três escolas, sendo a escola de Belém, Brigadeiro Fontenelle e outras duas escolas no Rio Grande do Sul, uma em Canoas, Escola Estadual de Ensino Fundamental Vasco da Gama e, por fim, a terceira escola em Porto Alegre, Escola de Ensino Fundamental e Médio Gomes Carneiro.

Além disto, era prioridade que a escola fosse de ensino fundamental completo, pois os alunos que eu pretendia observar estariam na idade média de 14 a 20 anos, encaixando-se nas turmas de 8ª série, com

menores censuras à grade de programação dos meios de comunicação como rádio e televisão, pelos horários ou idade, assim como pressupus também que os alunos da 8º série estariam em menor número no mercado de trabalho, tendo mais tempo para as rotinas domésticas e da escola, instâncias do cotidiano de jovens e adolescentes onde se tem um alto grau de possível presença dos processos midiáticos.

Durante uma semana eu permanecia nas salas de aula com os alunos, buscava sentar ao meio deles, observando os comportamentos, linguagem, material escolar, conversas, comentários, discussão com os professores, e anotava tudo descritivamente em um caderno com diário de campo. Estava neste momento coletando todo o material protocolar para a categorização dos fluxos de circulação que estava intencionada a perceber. Assim como o tempo passado nas escolas me possibilitou conhecer um pouco mais do contexto da escola pública atual.

Porém, não é só esta observação que esgota o material empírico coletado em campo. De forma qualitativa, após a observação e a descrição, encaminho para o momento da entrevista. As entrevistas foram codificadas em duas tematizações, buscando nas histórias narradas qual a relação deles com a mídia e do que eles esperam da relação da mídia com a escola.

Os alunos eram entrevistados em grupos de quatro, ora três por causa do número final total da turma. Já os professores foram entrevistados individualmente. Por causa da quantidade de alunos, busquei dinamizar o encontro e mesmo as conversas, aglomerando eles em grupo. Tendo em vista o menor número de professores, o tempo para as entrevistas e o número de entrevistado possibilitou entrevistas individuais. Com os alunos eu conversava a partir de um roteiro fechado para não deixar escapar algumas interrogações principais que eu tinha, como: a exposição diária dos alunos aos meios de comunicação, o interesse deles nos produtos midiáticos, a interação na escola ou com a família estimulada por um dispositivo comunicacional, ou uma conversa ou um vídeo na escola, e se eles obtinham novos conhecimentos com a informação circulante.

Quando os professores eram entrevistados ficavam mais livres para discursar, os roteiros eram abertos. Os assuntos envolviam mídia e educação, educação da atualidade e a mídia como fonte de aprendizado. Os três tópicos eram lançados e o professor falava a respeito, sendo que no surgimento de dúvidas eu o interrompia para questionar.

Problematização

A sociedade contemporânea vem sendo marcada pela mediação dos meios de comunicação, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, e do impacto das mudanças culturais em decorrência de um processo acentuado de uma globalização, historicamente nova, marcada pela revolução tecnológica da comunicação e da informação, cujos efeitos se manifestam em todos os campos da vida humana. Até o século passado, poderíamos definir a sociedade como proprietária de uma técnica, que se consolidava em um dispositivo de interação dos campos sociais. O espaço era definido pela cultura das máquinas, uma forma de sociabilidade definida como o ritualístico, na qual o indivíduo está com outro mediado pela técnica, constituindo uma sociedade mediatizada.

A Sociedade da informação tem em sua origem um fator tecnológico, mas o campo dos media tem uma natureza simbólica, e não tecnológica. Os processos de entendimento e compreensão da realidade não são mais só reprodução material da produção ao consumo, e sim esfera simbólica dos processos sociais, culturais, políticos. A sociedade vem desenvolvendo tecnologias e procedimentos que ampliam largamente as possibilidades de interação mediatizada, compondo um conjunto complexo de processos comunicacionais que fazem circular uma variedade de produtos e processos como as informações, as notícias, entretenimento, novidades estéticas utilizando som, imagem, charges, representações gráficas, etc.

A técnica expande as lógicas dos campos sociais e a mídia com a função de mediadora ordena a oferta simbólica, interpretando, apresentando e representando os signos oferecendo ao espaço público conforme seu discurso e podendo assim pensar numa sociedade mediatizada e não só mais mediada pela mídia. "Com a constituição do campo dos media, assistimos à emergência de um conjunto de novos valores, relacionados, por exemplo, com a transparência das relações sociais, a liberdade na vida pública, à equidade na participação discursiva", (Esteves, 1998, p. 123).

A sociedade mediatizada é um dos contextos teóricos da observação, pois para pensarmos uma relação de fluxo entre os campos, onde a mídia protagoniza e organiza esta circulação, é preciso firmar o pensamento em uma sociedade que combina os conhecimentos e operações estruturadas nas formas de tecnologias de informação, criando ambientes em que são produzidas novas formas de interação. A mediatização pode ser explicada como um novo bios (o quarto), que produz de "fato a afetação das formas de vida tradicionais por uma qualificação de natureza informacional – tecnologia societal" (Sodré, 2002. p. 23).

Com as observações das tecnologias de informação e meios de comunicação inseridos na escola assim como a experiência do aluno como indivíduo de uma sociedade mediatizada, trazendo essa bagagem para dentro da sala de aula, é possível perceber nas descrições a transformação da cultura pedagógica, sobretudo dos alunos, sendo a maioria dos professores ainda resistentes. O estudo da tensão entre as transformações materializa-se nas descrições que apresento.

Dispositivos

O dispositivo é uma parte, um agente operacional do processo midiático. Assim como as relações de poder se dão na microfísica, segundo Foucault, as relações de comunicação dar-se-ão nas menores partículas possíveis de agenciar a mídia, o dispositivo³. É uma menor parte possível de se observar e perceber a intencionalidade que desenvolve ou da qual se diferencia.

Dispositivos para a conversação são, por exemplos, fatores das instâncias sociais como vizinhança, momento de sociabilidade, família, interferência exógena como hora, local, feriados, trabalho. O aluno que tem acesso ao jornal porque todas as manhãs o pai traz aquele meio para o café da manhã e conversam

³ Esta discussão foi elaborada durante a aula ministrada pelo Professor Jairo Ferreira durante a disciplina "Tópicos", durante o primeiro semestre de 2006. Discutíamos ainda que se considerar a comunicação entre os seres como o simples diálogo, a troca de palavras, a troca de informação, podemos estar deixando escapar os processos comunicacionais que se dão em meios aos dispositivos dispostos neste diálogo. Eles proporcionarão o fechamento desta relação, considerando além da linguagem a produção de sentido, sejam pelos traços culturais, local da conversa, disponibilidade, disposição de quem conversa, ou se considerar os dispositivos mais materiais como rádio e tevê, a disposição do aparelho, a altura, a resolução de imagem, etc.

sobre aquelas notícias, o filho que escuta rádio de notícias porque o pai escuta ao levá-lo para a escola no carro e discutem sobre o assunto divulgado na rádio.

Os dispositivos de conversação, como um importante entendimento para a investigação, podem ser entendidos como um conjunto de "regras de procedimento que definem as atividades sociais" (Braga, 1994, p. 293). A conversa entre duas pessoas envolve mais do que duas falas e o canal entre elas, o que busco com os dispositivos é entender o conjunto desses dados que organizam as falas e estão dispersos neste espaço entre pessoas conversando. O dispositivo é um aparato discursivo e ao mesmo tempo não discursivo, uma vez que engloba também um aparato de práticas, produção, veiculação e consumo, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político.

Estas atividades de interação entre os indivíduos, instituições e campos sociais com a mídia - às quais é possível fazer corresponder certos tipos de conversação - se pode constatar regras de procedimento que definem essas atividades, desde que elas sejam suficientemente repetidas. A este conjunto de regras, podemos atribuir a característica de funcionarem como dispositivos conversacionais⁴ que vão atribuir sentido à conversa que foi estimulada pela interação com a mídia ou mesmo pela interação pedagógica entre professor-aluno (vez de falar, movimentos para início e fim da troca, duração global, os papéis e as relações entre participantes, os assuntos, temas, as matérias, etc.).

Contexto teórico do estudo de interface

As tensões entre os campos da educação e da comunicação vêm gerando diversas questões para discutir a interface dos campos. No princípio, essas questões giraram em torno das "tecnologias educacionais, da educação à distância, das entradas dos meios de massa os ambientes escolares, conhecimento e motivação dos estudantes, conflitos entre uma cultura de imagem e cultura letrada, da capacidade crítica das pessoas"⁵.

Braga e Calazans (2001) explanam sobre as abrangências da inter-relação dos campos: o uso dos meios como ferramentas pedagógicas (o uso dos meios pela educação) e os medias como fornecedores de sentidos (o uso do meio para a educação).

A primeira abrangência é o uso dos meios como ferramentas pedagógicas, uma utilização auxiliar, de complementaridade do ensino. Os meios são trabalhados em sala de aula sob a ótica da educação. Um primeiro momento em evidência da interface dos campos pode ser a denominada *mediação tecnológica na educação*.

Pensando além desta função de transmissor, canal, condutor, ferramenta, suporte, e sim fornecedores de sentidos, as pesquisas passam a pensar na leitura crítica dos meios. O que faz parte de uma segunda forma de estudar a inter-relação dos campos. Se a Educação forma o indivíduo para a sociedade, considerando que a sociedade tem produzido novos sentidos a partir da mídia, as escolas estarão preparando os alunos a lidarem com os processos comunicacionais do campo dos medias. É exatamente esta a linha do estudo para

⁴ Definição de José Luiz Braga no texto "Sobre a conversação". In: Brasil - Comunicação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

⁵ BRAGA, José Luiz. Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada. Artigo apresentado no X Encontro Nacional da Compôs, o GT Comunicação e Sociabilidade.

os meios, na qual o processo educativo fornece ao aluno a competência em lidar com os dispositivos comunicacionais do campo dos medias. Os processos midiáticos, então, ganham visibilidade dentro do espaço escolar circulando neste campo e tendo a atenção dos professores para sua leitura e compreensão.

A partir dos anos 80, os estudos da comunicação tratam de um receptor ativo, que é também mediado pela própria bagagem cultural e contextos histórico e social. Com as mudanças de percepção do social, aparecem novos problemas aos campos para serem resolvidos, ou mesmo novas observações a serem analisadas. Assim, com os estudos de recepção, supera-se o pensamento de uma comunicação instrumental e iniciam-se os estudos de recepção, que aliados às pesquisas em educação, vão pensar um aluno-receptor crítico. A sociedade cria expectativas de uma escola preparar este indivíduo para uma participação eficaz na sociedade, cidadão participativo e crítico.

Os meios de comunicação presentes no espaço escolar, assim como a penetrabilidade dos meios na sociedade e sua função simbólica contemporânea, possibilita aos mídias assumir este papel protagonista nas relações com um campo não midiático, como o caso do educacional. Porém, vale ressaltar que a reflexão que proponho no texto não diz respeito ao uso dos meios como auxiliares ou ferramentas pedagógicas. Não pretendo percebê-los sob a ótica da educação.

Nas descrições que faço de campo, o interesse é observar esta relação por meio dos dispositivos conversacionais que permitem fluir no espaço pedagógico os processos midiáticos sem necessariamente estarem amparados por meios transmissores, por tecnologia como canal, mas sim pelas conversas entre os atores sujeitos da escola.

Para além do histórico traçado por Braga e Calazans sobre as duas abrangências da interface dos campos, nos últimos anos, os estudos de interface geraram um campo que vem sendo denominado de "educomunicação".

O NCE - Núcleo de Educação e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da USP, a partir de uma pesquisa, realizada entre 1997 e 1998, concluiu que a inter-relação "ganhou densidade própria e se afigura, hoje, como um campo de intervenção social específico, oferecendo um espaço de trabalho diferenciado que vem sendo ocupado, em toda a América Latina, pela figura emergente de um profissional denominando de 'Educomunicador'⁶". O trabalho mobilizou o NCE, que contou ainda com a parceria de pesquisadores da UNIFACS, Bahia.

O NCE levantou possíveis materializações do campo, quatro áreas concretas de intervenção social, que transcrevo da divulgação do grupo, em síntese:

1ª *A área da educação para a comunicação*

2ª *A área da mediação tecnologica na educação*

3ª *A área da gestão comunicativa*

⁶ Site <http://www.usp.br/nce>

4ª A área da reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação como fenômeno cultural emergente

Os três primeiros grupos de estudos do NCE sobre a área de educomunicação estão relacionados a presença do meios de comunicação, em espaços educativos formais ou não. E como já explicitado anteriormente, quero focar as descrições e observações sobre os processos operados por dispositivos da conversação.

No quarto conjunto, isto é, pensando em torno da reflexão epistemológica da inter-relação, posso encontrar reflexos do estudo que realizo, porém, não estou me propondo a pensar e refletir um campo já estudado pelo grupo da ECA - USP, determinado educomunicação. Minha pesquisa não se propõe a observar casos específicos de programas de formação, e sim se integrar ao cotidiano escolar mesmo sem as propostas ou programas para a formação de receptores dos meios. Estou nas escolas percebendo a inter-relação dos campos a partir dos fluxos das processualidades comunicacionais, as entradas e saídas dos dispositivos midiáticos e/ou conversacionais proporcionando uma interação coma mídia geradora de aprendizagem, ressignificações e interação com a tecnologia. Não só estarei observando o uso desta tecnologia, mas as novas interações que elas proporcionam, dentro de um fluxo com o campo da comunicação e educação, proporcionando novos processos comunicacionais dentro do espaço escolar.

É neste lugar que nasce a possibilidade do desenvolvimento epistemológico de investigação sobre os fluxos dos campos comunicação e educação que me encontro. Assim, mergulho no campo da educação, e observando a entrada dos dispositivos, pretendo desenvolver novas reflexões sobre os campos, não necessariamente sobre a educomunicação, mas sim sobre a inter-relação comunicação e educação.

Dias de aulas

Brigadeiro Fontenelle

Na Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, em Belém do Pará, durante a aula de química, entraram alguns integrantes da "Rádio Cidadania", rádio comunitária da Terra Firme, um bairro da cidade. Os alunos foram convidados para participarem de discussões sobre sucateamento da escola, reajuste salarial e reforma na educação. Inclusive, o convite era válido para uma marcha contra o governo, quando eram divulgadas nos jornais reformas educacionais não aceitas pela União Nacional dos Estudantes. A turma não pareceu interessada e quando o integrante deixou a sala nenhum comentário foi feito, voltando a aula ao mesmo ritmo que estava tendo. Neste caso, não se gerou ação e o lugar de recepção não se tornou produção. O dispositivo conversacional penetrou o campo educacional, porém não foi agendado nem pelo professor nem pelo aluno. Não houve repercussão com conversas, discussões ou debates sobre o assunto trazido para dentro da sala a partir de um dispositivo conversacional que promoveria uma circulação em sala dos processos midiáticos.

À espera do início da aula da professora de Português, no Brigadeiro Fontenelle, os alunos conversam e interagem com assuntos da sala de aula, da vida particular de cada um ou ficam a irritar um ao outro. Os alunos tecem comentários sobre o SBT Repórter Belém do dia anterior a respeito do jogo do Paysandu (time de futebol paraense). Nesse momento, estou em observação, a professora entra em sala e nada comenta ao

observar a conversa dos alunos. A professora inicia uma explicação sobre a divisão de elétrons em camadas e a correspondência da última camada com a família do elemento na Tabela Periódica. Os alunos que estão sentados nas últimas cadeiras comentam que estão sem entender a razão de estarem estudando aquela divisão de elétrons e um dos alunos fala em voz alta para a professora: "Qual é a família? Família Dinossauro?". A professora não dá atenção à referência, queixa-se com o aluno pela interferência e continua a ditar outros exercícios; e os alunos saem de sala, sem sequer dar atenção à professora ou pedir autorização.

Uma escolha da professora foi não agendar a aula com conversa ou discussão sobre o assunto dos alunos a respeito do telejornal. Ou mesmo após os comentários surgidos a partir de produtos midiáticos, permaneceu-se pela opção do não agendamento.

Nos dois momentos observados os dispositivos conversacionais não eram agendados pelas professoras, partindo dos alunos os comentários ou conversas geradores dos processos midiáticos no espaço da sala de aula.

As mudanças do ambiente provocadas pela midiaticização não parecem ser acompanhadas tão positivamente pelos professores, resistentes a cultura da mídia, quase realizando uma contra-cultura. Os professores reagem à exposição de diversas horas do aluno à televisão ou à internet alegando a alienação como fruto desta relação. Porém, a realidade se mostrava diferente no universo dos alunos, que entravam em novos processos a partir dos produtos ofertados.

As palavras não tinham uma significação vaga ou solta, faziam parte de um contexto de significação para aquele aluno, quando tinha uma informação curiosa não conhecida e perguntavam mais a respeito ou como uma forma de interação com os demais alunos ou mesmo com os professores, buscando estabelecer diálogos e produção de sentido a partir do conhecimento do produto midiático e um novo conhecimento em sala de aula.

Vasco da Gama

Como na escola anterior, uma observação sobre a possibilidade de um dispositivo conversacional não ser agendado e não gerar a circulação do processo midiático no campo pedagógico foi quando, durante uma aula de Português, os alunos conversavam entre si sobre a notícia do telejornal do dia anterior sobre um avião que ao pegar fogo em vôo caiu em águas do mar, e nas imagens do telejornal, mesmo após a queda, o avião permanecia em chamas. Um dos alunos não contente pela conversa com os demais, que não esclareciam sua dúvida, resolveu imediatamente, em voz alta, argumentar com a professora que circulava pela sala observando os alunos resolverem exercícios, sobre o assunto em pauta da conversa daquele grupo. O aluno perguntou como era possível o avião continuar em chamas se caíra dentro da água. Porém, a professora não deu atenção, disse que tal assunto não fazia parte da disciplina e deu por encerrado o tema, solicitando aos alunos que parassem com a conversa e voltassem a resolver os exercícios, mesmo sem ter olhado os cadernos, deduzindo que eles não haviam terminado a tarefa.

Na mesma semana que pesquisei na escola em Canoas, foi notícia no Jornal do Almoço da RBS, o ataque terrorista de bombas nos metrô de Londres. Uma escola em Porto Alegre parou no intervalo de recreio para assistir a notícia no pátio da escola, todos assistiram ao noticiário. Após aquele dia, discutiram sobre o produto midiático. Em sala de aula, os corpos discente e docente decidiram realizar uma passeata em prol da paz, movidos pela notícia de atentados constantes. A passeata agendou a mídia e agora transformava-se em novo produto, buscando promoção de agendamento e inseridos no processo midiático, já que existiam atores midiáticos na escola, sendo eles os professores bem preparados para entrevistas e encaminhamento da imprensa, desde o contato até marcação de local e horário propícios a realização da reportagem. A RBS esteve na passeata, registrou e produziu uma matéria com a escola.

É um produto midiático, entrando na escola com uma apropriação conversacional, tornando-se tema de discussões, agendando a rotina da escola, assim como um fato de acontecimento para a escola que realiza a passeata e sendo reapropriado pela mídia como um novo produto midiático. O dispositivo foi apropriado e deu consequência a uma ação no espaço social.

A professora de Geografia relatou a mim que sempre que pode discute com os alunos assuntos dos jornais, sentindo que a empolgação toma conta dos alunos, tornando-os mais participativos em aula, discutindo e opinando. Alguns discursos dos alunos lembram bastante os da própria mídia, mas não é regra. Fato que pôde ser observado quando os alunos estavam estudando sobre reformas educacionais em tempo do Brasil Império e a professora argumentou sobre uma reforma na educação atual, pela necessidade de estar esclarecido, por meio de uma educação formal, a respeito das práticas política. Os alunos imediatamente entenderam que ela estava se referindo a grande divulgação de CPI's e Governo do presidente Lula. Os alunos, então, começam a falar da corrupção descrita nos telejornais, citando as mais divulgadas pro telejornais e programas como Cassetta e Planeta. Um aluno faz uma piada sobre o Lula carregar o mensalão na cueca e todos os outros começam a rir. A professora aproveita a piada e o interesse dos alunos, discutindo sobre o fato da cueca, do mensalão e o presidente Lula, até mesmo explicando qual situação atual das notícias divulgadas, pois os alunos aprecem misturar todas as informações, confundindo as CPI's e a ligação de um fato a outro.

Entrar no espaço escolar e viver o cotidiano da escola mostra que o processo é muito mais complexo do que a teoria pode abranger e com muito mais tensões e conflitos entre os processos educacionais e comunicacionais. Professores podem não estar preparados para lidar com as questões mais abrangentes dos processos comunicacionais, como as questões político-sociais ou econômicas que possam fazer parte do complexo processo dos medias.

Gomes Carneiro

Os alunos conversam, no pátio, durante o recreio, e em sala, mesmo durante a aula. Os temas são sobre paqueras, esportes, jogos de Internet e consumo (sapatos, bonés). Conversaram sobre reportagens, como do Globo Repórter sobre namorar traficantes e o noticiário que divulgou informações da bolsa escola e suicídio. Em sala de aula, utilizam algumas linguagens das novelas, como "breteiras" e "Dona Diva fofoqueira".

A instituição escola tornou-se midiaticizada, no contexto da sociedade da informação. Não só no aspecto material, a mídia ocupa um espaço físico, mas também de formadora das experiências que os alunos trazem para dentro de sala de aula.

Duas estudantes falavam sobre a moça que abandonou a família para viver no morro com traficantes, não pareciam entrar em consenso sobre o assunto, umas das garotas achava muito errada a atitude, enquanto a outra tentava entender, concordando com a possibilidade. Os alunos se queixavam do valor da bolsa escola, divulgado no jornal, argumentando que não daria para nada, compra de livros ou outros. Os mesmos dois alunos conversaram sobre o suicídio, um perguntou ao outro se vira a reportagem, no mesmo jornal que divulgou a bolsa escola, sobre suicídio. O aluno respondeu negativamente e ali parou o diálogo. O conteúdo da técnica mediando as interações da sociedade mediaticizada pode ser um efeito refletido no fluxo da entrada dos dispositivos no campo pedagógico por meio de dispositivos conversacionais que geram interação entre aluno e aluno, professor e aluno. Os dispositivos podem ser promotores de novos conhecimento ou simples circulação da informação ou da técnica.

A comunicação assume, neste contexto, um papel relevante a ponto de qualquer área das ciências sociais, para compreender as novas formas de interação, não poder prescindir da reflexão sobre os conteúdos produzidos pelos meios de comunicação e as novas interações sociais causadas pela legitimação do campo da comunicação, em qualquer espaço social, como o da escola.

Não é só a instrumentalização, mas *como*, os modos que vão compor as processualidades. Não basta o uso, mas a construção dos vínculos e a organização dada pela mídia e as novas interações geradas. "O estatuto da mídia como objeto de estudo torna-se um *locus* privilegiado para compreender a sociedade em seus diversos ângulos" (Gomes, 2004, p. 18).

A prática social e de sentido é onde se situa o conceito de midiaticização. Ou seja, supera o entendimento de meio enquanto máquina, instrumento; envolve as formas de interação e os processos das práticas sociais. Olhar o processo no campo pedagógico providencia uma pesquisa fundada no campo da comunicação, somando-se para uma compreensão epistemológica dos processos de significação, a partir do midiático.

Para Sodré⁷, o campo da comunicação é um campo de articulação de conhecimento. Na interface, trazendo para a investigação proposta, a comunicação ganha espaço na escola como protagonista da produção de conhecimento e reflexões epistemológicas a partir do momento em que é possível observar os dispositivos organizando socialmente o ambiente escolar com entrada de jornais, revistas, televisores, computadores. Ou ainda, a comunicação como produtora de novas interações ou novas regulamentações, a partir do diálogo.

Adotamos, assim, uma perspectiva de produção social de sentido através dos dispositivos conversacionais em interação de indivíduos, instituições e campos sociais com as mídias ou entre os próprios indivíduos da sala de aula, professor e aluno, nos jogos específicos da linguagem, e dos discursos sociais.

⁷ citado por Fausto Neto no texto "A Pesquisa vista de 'dentro de casa'", pág. 24.

Potencializando os dispositivos já circulantes na sala de aula, os professores poderão refletir sobre o tratamento dado aos conteúdos e as formas de expressão dos temas advindos da circulação dos produtos midiáticos em sala, buscando uma educação concebida com participação, criatividade e aprendizagem.

Referências

- BRAGA, J. L. 1994. Sobre a Conversação. In: *Brasil – Comunicação, Cultura & Política*. Rio de Janeiro, Diadorim.
- BRAGA, J. L. 2001. *Aprendizagem versus Educação na Sociedade mediatizada*. Anais do X Encontro Nacional da COMPÓS.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, M. R. (orgs.). 2002. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo, Hacker.
- BRAGA, J. L. 2004. *Estudos de Interface*. Anais do XIII Encontro Nacional da COMPÓS.
- CITELLI, A. 2000. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. São Paulo, Editora Senac.
- ESTEVES, J. P. 1998. *A Ética da Comunicação e os medias modernos. Legitimidade e poder nas sociedades complexas*. Lisboa, Editora Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, P. G. (Coord). Daniel Chu, Denise Silveira, Alexandre Tremarin e Tiago Pereira. Processos midiáticos como objeto de estudo. In: *Tópicos de teorias da comunicação*. São Leopoldo, Unisinos. Cap. I. 03/2002 – 02/2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- MIGUELEZ, M. M. 2004. *Processo de Teorização*. Agosto, 2004.
- NETO, A. F. 2002. A pesquisa vista "de dentro de casa" ou reflexões sobre algumas práticas de construção de objetos de pesquisa em comunicação. In: *Tensões e Objetos da Pesquisa de Comunicação*. Porto Alegre, Compós/Sulinas.
- SILVERSTONE, R. 2002. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Edições Loyola.
- SOARES, I. 2002. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, (23):16-25, jan/abr 2002.
- SODRÉ, M. 2002. *Antropológica do espelho, Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Vozes.